

**Professor: João Bosco de Melo Ferreira**

**Primeiro semestre do curso de filosofia**

**Disciplina : História da Filosofia Antiga.**

**Tema: EPISTEMOLOGIA OU TEORIA DO CONHECIMENTO EM PLATÃO**

## **FILOSOFIA**

Na época que Platão viveu (séc. IV a. C.), era muito comum a concepção de que o homem conhece a partir dos seus sentidos. No entanto, para muitos sábios da época, o conhecimento não só começava como também não poderia ir além da sensibilidade. É notável neste período a máxima de Protágoras: “o homem é a medida de todas as coisas”. Isso equivale dizer que cada ser está tão somente encerrado em suas representações subjetivas que ou era impossível uma verdade absoluta (mas uma particular, de cada um) ou que era impossível qualquer conhecimento.

Esse modo de pensar devém da filosofia de Heráclito para quem tudo está em movimento. Ora, se questiona Platão, se tudo está em movimento, no momento mesmo em que se determina algo, este já mudou, já se transformou e, com isso, o conhecimento torna-se impossível! Da mesma forma, se só existem verdades subjetivas, particulares ou relativas, a própria ideia de verdade não existe absolutamente, o que também impossibilita o erro, portanto, o conhecimento.

Para superar essa noção de realidade transitória, Platão precisa mostrar como nossos sentidos são capazes de nos enganar e que, por isso, devemos procurar em outro lugar o fundamento do conhecer. Este “lugar” é a alma.

Platão pensa que é a inteligência que garante a estabilidade dos seres sensíveis. Isso quer dizer que a transitoriedade evidenciada nas coisas sensíveis não podem dar razão de si e por si mesmas. Daí é preciso buscar compreender que todo conhecimento provem do raciocínio que alcança a forma dos objetos, forma esta que guarda consigo mesma uma identidade atemporal e indestrutível.

O homem deve, pois, buscar ascender do mundo sensível ao inteligível para ter um real conhecimento dos seres. Deve, antes de mais nada, abandonar suas

pré-concepções, seus pré-juízos, seus pontos de vistas distorcidos pelas opiniões irrefletidas e, a partir disso, começar a escala rumo às Ideias.

Ideia, segundo Platão, é um princípio inteligível, que não sofre geração nem corrupção, sendo, portanto, fundamento do conhecimento das coisas. Todavia, o homem somente consegue alcançar as ideias pela sua razão, pelo pensamento reflexivo que ao abstrair todas as particularidades físicas dos objetos estudados, consegue intuir a forma determinante de cada ser, conferindo-lhe estabilidade e permitindo ser conhecido. As Ideias são puramente espirituais, não contendo materialidade alguma, nem contato com o mundo sensível. Na verdade, este tem o seu modo de ser, de existir somente por participar das ideias do mundo inteligível. O inteligível transcende o sensível e o determina.

Dessa forma, já nascemos com os princípios inteligíveis que nos permitiriam conhecer o mundo sensível. Cabe ao homem não deixar se fascinar pelas sensações e sim subordiná-las à inteligência a fim de realmente conhecer verdade dos seres e de si mesmo, dedicando sua vida à formação do espírito.

## **O conhecimento em Platão**

Leia, agora, o texto extraído do livro "Filosofando" de Maria Lúcia Aranha e Maria Helena Martins:

Platão (428-347 a.C.) viveu em Atenas onde fundou uma escola denominada Academia.

Para melhor sintetizar as ideias de Platão, recorreremos ao livro VII de A República, onde seu pensamento é ilustrado pelo famoso "mito da caverna". Platão imagina uma caverna onde estão acorrentados os homens desde a infância, de tal forma que, não podendo se voltar para a entrada, apenas enxergam o fundo da caverna. Aí são projetadas as sombras das coisas que passam às suas costas, onde há uma fogueira. Se um desses homens conseguisse se soltar das correntes para contemplar à luz do dia os verdadeiros

objetos, quando regressasse, relatando o que viu aos seus antigos companheiros, esses o tomariam por louco, não acreditando em suas palavras.

A análise do mito pode ser feita pelo menos sob dois pontos de vista: o epistemológico (relativo ao conhecimento) e o político (relativo o poder).

Segundo a dimensão epistemológica, o mito da caverna é uma alegoria a respeito das duas principais formas de conhecimento: na teoria das ideias, Platão distingue o mundo sensível, dos fenômenos, e o mundo inteligível, das ideias.

O mundo sensível, acessível aos sentidos, é o mundo da multiplicidade, do movimento, e é ilusório, pura sombra do verdadeiro mundo. Assim, mesmo se percebemos inúmeras abelhas dos mais variados tipos, a ideia de abelha deve ser uma, imutável, a verdadeira realidade. Com isto Platão se aproxima do instrumental teórico de Parmênides e, aliando-o aos ensinamentos de Sócrates, elabora uma teoria original.

Do seu mestre aproveita a noção nova de logos, e continuando o processo de compreensão do real, cria a palavra ideia (eidos), para referir-se à intuição intelectual, distinta da intuição sensível.

Portanto, acima do ilusório mundo sensível, há o mundo das ideias gerais, das essências imutáveis que o homem atinge pela contemplação e pela depuração dos enganos dos sentidos.

Sendo as ideias a única verdade, o mundo dos fenômenos só existe na medida em que participa do mundo das ideias, do qual é apenas sombra ou cópia. Por exemplo, um cavalo só é cavalo enquanto participa da ideia de "cavalo em si". Trata-se da teoria da participação, mais tarde duramente criticada por Aristóteles.

Para Platão há uma dialética (esforço intelectual e discursivo de depuração dos conceitos; captação intelectual do mundo ideal, da estrutura e do lugar que cada ideia ocupa em relação às outras ideias nessa estrutura) que fará a alma elevar-se das coisas múltiplas e mutáveis às unas e imutáveis. As ideias gerais são hierarquizadas, e no topo delas está a ideia do Bem, a mais alta em perfeição e a mais geral de todas: os seres e as coisas não existem senão enquanto

participam do Bem. E o Bem supremo é também a Suprema Beleza. É o Deus de Platão.

Platão tenta superar a oposição pelo pensamento de Heráclito, que afirmava a mutabilidade essencial do ser, e a posição de Parmênides, para o qual o ser é imóvel. Platão resolve o problema: o mundo das ideias se refere ao ser parmenídeo, e o mundo dos fenômenos ao devir heraclitiano.

Mas como é possível aos homens ultrapassarem o mundo das aparências ilusórias? Platão supõe que os homens já teriam vivido como puro espírito quando contemplaram o mundo das ideias. Mas tudo esquecem quando se degradam ao se tornarem prisioneiros do corpo, que é considerado o "túmulo da alma". Pela teoria da reminiscência, Platão explica como os sentidos se constituem apenas na ocasião para despertar nas almas as lembranças adormecidas. Em outras palavras, conhecer é lembrar. No diálogo Mênon, Platão descreve como um escravo, ao examinar figuras sensíveis que lhe são oferecidas, é induzido a "lembrar-se" das ideias e descobre uma verdade geométrica.

Voltando ao mito da caverna: o filósofo (aquele que se libertou das correntes), ao contemplar a verdadeira realidade e ter passado da opinião (doxa) à ciência (episteme), deve retornar ao meio dos homens para orientá-los.

Eis assim a segunda dimensão do mito: a política, surgida da pergunta: como influenciar os homens que não veem? Cabe ao sábio ensinar e governar. Trata-se da necessidade da ação política, da transformação dos homens e da sociedade, desde que essa ação seja dirigida pelo modelo ideal contemplado.

#### REFERÊNCIA:

ARANHA, Maria Lúcia, MARTINS, Maria Helena. Filosofando: introdução à Filosofia. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1993. p. 95- 96.